

CARLOS A. SCOLARI

Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro



**CARLOS ALBERTO
SCOLARI** é

professor adjunto
da Universitat
Pompeu Fabra
(Barcelona) e autor
de, entre outros,
Hipermediaciones.
*Elementos para
una Teoría de la
Comunicación Digital
Interactiva* (Gedisa)
e do *blog* [www.
hipermediaciones.
com](http://www.hipermediaciones.com).

As interfaces não desaparecem, transformam-se

Um dos temas que mais me fascinam é a evolução das interfaces da lecto-escritura. Faz mais de seis mil anos que a escritura nasceu na superfície ainda úmida das tábuas de barro na Mesopotâmia asiática. Passaram-se vários milênios até que chegou o papiro, uma nova interface de lecto-escritura. Tratou-se de uma grande transformação: mudou ao mesmo tempo o suporte material da escritura – do barro à trama de juncos – e a interface do dispositivo – de uma pequena superfície a um rolo que podia chegar a medir vários metros. As interfaces da lecto-escritura sofreram outra transformação com a chegada do código manuscrito, há dois mil anos. Nessa ocasião, passou-se do papiro ao pergaminho, mas, sobretudo, voltou a se transformar de maneira radical a interface: o rolo foi progressivamente substituído pelo *codex*, um dispositivo formado por uma série de páginas costuradas entre si.

Para poder ser reconhecidos sem necessidade de serem desenrolados, os papiros incorporaram sua frase inicial na parte exterior: o *incipit*. Essa prática sobreviveu nos *codex* e nos livros impressos. O texto nos papiros estava organizado em colunas, um formato posteriormente recuperado pela *Bíblia* de Gutemberg, a imprensa de massas e as páginas Web. O próprio conceito de “página Web” (*webpage*) merece ser destacado: na hora de procurar um nome para os documentos em linha, Tim Berners-Lee recuperou uma interface bem conhecida. A interface, como podemos observar, *é uma*

forma que se adapta a diferentes suportes e dispositivos tecnológicos.

As interfaces digitais estão submetidas à mesma lógica. Uma página Web concentra seis mil anos de lecto-escritura. Mas sua promiscuidade não se detém aí: também inclui vídeos de origem televisiva, infografias provenientes dos jornais e inclusive botões desenvolvidos originalmente para os eletrodomésticos e outros aparelhos mecânicos. Nos iPads e outros dispositivos de lecto-escritura digitais, como o Kindle, da Amazon, os elementos provenientes das diferentes etapas da evolução das interfaces se recombina para dar lugar a uma nova experiência textual. Também nesse caso se cumpre uma das leis do ecossistema das interfaces: *as interfaces nunca morrem, transformam-se.*

O iPad, da Apple, abre uma nova fase na evolução das interfaces da lecto-escritura. O ecossistema das interfaces atravessa um momento de grande efervescência em que tudo se combina e se reconfigura: a Amazon aposta em seu próprio leitor, mas, ao mesmo tempo, propõe uma aplicação Kindle para o iPhone; a Barnes and Noble segue seus passos e prepara um *reader* para o iPad, a Marvel aponta com seus quadrinhos para a nova interface, e a revista *Wired* já experimenta novos formatos interativos especificamente desenhados para o dispositivo da Apple... De toda forma, a última palavra será dos leitores. A evolução do ecossistema das interfaces, assim como qualquer outro sistema tecnológico, repousa mais nas táticas de utilização de seus usuários do que em estratégias de seus projetistas.